

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

SZTUTMAN, Renato (Org.). **Eduardo Viveiros de Castro**. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. 261 p. (Encontros)

Nilson Moulin*

Boa-noite, Lévi-Strauss!

“A impressão que tenho é que o “Brasil” até bem pouco não queria nem saber de índio, e sempre morreu de medo de ser associado “lá fora” a esse personagem, que deveria ter sumido do mapa há muito tempo e virado uma pitoresca e inofensiva figura do folclore nacional. Mas os índios continuam aí e vão continuar.”

... “No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é”. (2006)

Nas últimas décadas, Eduardo Viveiros de Castro, formado no Rio de Janeiro em ambientes católicos, tornou-se um dos expoentes da antropologia feita no Brasil. Enfim, certas matrizes eurocêntricas (incluindo aquelas conhecidas como “fundadoras”, aqui aclimatadas até meados do século XX) começam a pesar um pouco menos. Óbvio que essas hipotéticas “matrizes greco-romanas” continuam determinando boa parte do nosso “pensar cosmopolita”.

Em 1993, “Ano internacional dos povos indígenas”, em parceria com a também antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, Viveiros de Castro organizou **Amazônia: etnologia e história indígena**. Essa publicação, merecedora de maior difusão, remete ao simpósio “Pesquisas recentes em etnologia e história indígena da Amazônia”, que teve lugar no Museu Paraense Emílio Goeldi, em dezembro de 1987.

A partir do trabalho de campo, efetuado entre os Araweté, 1976-1977, o mesmo autor nos contemplou com um excelente ensaio fotográfico, que foi reapresentado ao público em agosto de 2008.

“... minha monografia araweté pode ser vista como o afilhado conceitual de dois livros: **Os mortos e os outros** de Manuela Carneiro da Cunha (1978) e o ensaio de Hélène Clastres (1975) sobre a **Terra sem mal**.” ... “muito do que eu

* Tradutor de literatura italiana. Escreve livros de Educação Ambiental, neste campo, fez formação de multiplicadores (Moçambique – UNESCO; Amapá).

E-mail: nilsonmoulin@uol.com.br

escrevi sobre eles estava errado.”

Em 2002, com *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia* Castro reitera o espaço assaz específico que ele próprio ocupa na produção intelectual contemporânea e amplia os horizontes de todos os seus leitores.

Agora, nos chega, pela editora Azougue, uma coletânea de entrevistas e depoimentos: **Eduardo Viveiros de Castro**, organizada por Renato Sztutman. Abrange o período de 1999 até 2007.

Trata-se de um desses pequenos grandes livros, que exige leitura atenta e releituras pausadas para quem não é antropólogo. Destaquemos algumas passagens:

“... O seu trabalho examina as sociedades indígenas por um enfoque que não passa pela questão nacional... em que medida se distancia de outras interpretações do Brasil?”

“... O que me interessa são as questões indígenas - no plural..., as questões que as culturas indígenas se põem elas próprias e que as constituem como culturas distintas da cultura dominante.”

“... se algo é parte de algo, é o “Brasil” que é parte do contexto das culturas indígenas e não o contrário.”

“... A antropofagia foi a única contribuição realmente anticolonialista que geramos, contribuição que anacronizou completa e antecipadamente o célebre *topos* sobre as idéias fora de lugar. Ela jogava os índios para o futuro e para o ecúmeno. Não era uma teoria do nacionalismo, da volta às raízes, do indianismo. A antropofagia era e é uma teoria realmente revolucionária.”

“... O que a etnologia pretende fazer é simplesmente alargar o mundo dos possíveis humanos, mostrando que a tradição cultural européia não detém, nem de fato nem de direito, o monopólio do pensamento.”

“... Para os índios, é a natureza que muda, como se a gente tivesse um mundo onde todos falassem a mesma língua, mas para se referir a coisas completamente diferentes, ao passo que nós tenderíamos antes a imaginar que todos falamos línguas diferentes, para, no fundo, dizer as mesmas coisas.”

“... A palavra multinaturalismo é uma provocação, mas ao mesmo tempo é totalmente séria. Era uma brincadeira com meus colegas norte-americanos que gostam do conceito de “multiculturalismo”. A formulação foi de início puramente reativa; mas não demorei para perceber que era exatamente isso que os índios pareciam supor, quando diziam que os urubus bebem cerveja, comem peixe assado, como nós e os pekaris, mas que aquilo que os urubus chamam de cerveja não

é o que chamamos cerveja, e não é o que os pecaris chamam de cerveja.”

... “perspectivismo, a concepção indígena segundo a qual o mundo é povoado de outros sujeitos, agentes ou pessoas, além dos seres humanos, e que vêem a realidade diferentemente dos seres humanos.”

Na *apresentação* desse volume, o antropólogo Renato Sztutman oferece algumas pistas. Eis uma das mais sugestivas:

“Com Viveiros de Castro vemos desenvolverem-se as intuições poéticas do “Manifesto antropológico”, bem como a transposição desse regime literário para um universo a um só tempo filosófico e antropológico, já que a filosofia em questão é, antes de tudo, a filosofia dos povos ameríndios, uma filosofia distante portanto dos cânones filosóficos.”

Enquanto produção literária, o entrevistado faz uma reapropriação autoral de suas idéias, transformando-as, à semelhança do que poderia ser feito com um texto de ficção.

Viajando com desenvoltura das aldeias tradicionais para as redes virtuais, o antropólogo carioca que tanto contribui para redimensionar nossa produção intelectual, depõe sobre o projeto *amaZone*, que coordena:

O que estamos buscando é uma espécie de hipertexto, e não apenas no sentido usual do termo, onde essa organização seja posta para derivar e variar: enlouquecer as aspas, em certo sentido. Um princípio constitutivo desse hipertexto é o princípio hermenêutico clássico segundo o qual “todos os escritores que tratam do mesmo objeto são o mesmo escritor”.

Em suma, uma obra para quem que se ocupa para valer de educação e cultura, tentando romper as amarras da rotina e da retina.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Eduardo Viveiros de; CUNHA, Manuela Carneiro da (Orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP; FAPESP, 1993. (Estudos).

_____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2002.